

A CRÔNICA NA SALA DE AULA: DA LEITURA À DRAMATIZAÇÃO

Keith Glauk Menezes de Andrade
Márcia Tavares Silva (Orientadora)
UFCG

Introdução

Desde seu nascimento, a Literatura sempre esteve presente no ambiente escolar, primeiro, nas antologias e, depois exposta nos livros didáticos (LD). Considerado como texto por excelência, os excertos literários serviam como exemplo a ser imitado pelos alunos, tanto como conteúdo ético, estético e muitas vezes moral.

Na atualidade, não se percebe muita diferença, já que o texto literário continua presente, e isso pode ser comprovado quando se verifica os romances e as novelas (embora fragmentados) apresentados com mais frequência nos manuais do ensino médio. Os poemas, contos e crônicas, por serem bem mais curtos e ocuparem menos espaço nesses livros, vêm ganhando maior destaque, podendo ser encontrados em boa quantidade, a partir das séries iniciais.

Levando em consideração que é a escola o *locus* privilegiado, onde se obtém os primeiros conhecimentos da escrita e da leitura, deve ser ela também a primeira a estimular seus leitores a uma experiência estética. Desse modo, compreende-se que a leitura literária “é uma atividade que possibilita a elevação e o crescimento do indivíduo, pois levanta-se como um trabalho de combate à alienação (não-racionalidade), capaz de facilitar o gênero humano à realização de sua plenitude (liberdade)” (SILVA, 1985, p. 22).

A partir dessas concepções de leitura, emerge a preocupação com o trato dado à leitura de textos literários na sala de aula, os quais têm sido muitas vezes levados à pedagogização, conforme cita Magnani (2001, p.82):

A intervenção da Pedagogia, com suas marcas históricas e sociais, propiciou o surgimento de uma orientação conservadora e trivializada na produção de livros para a escola e, portanto, na formação de leitores, utilizando a literatura para a refiguração dos fatos e imposição de utopias

De um modo geral, o texto literário tem servido apenas como pretexto a atividades gramaticais, exercícios repetitivos, perdendo seu caráter humanizador, que conforme nos diz Candido (1972, p. 83) “tem a função de satisfazer a necessidade

universal da fantasia, contribuir para a formação da personalidade além de ser uma forma de conhecimento do mundo e do ser”.

Ainda sob este aspecto, Coelho (2000, p.10) acrescenta que “a literatura é a mais importante das artes, porque sua matéria é a palavra, o que distingue ou define a especialidade do humano. Além disso, sua eficácia como instrumento de formação do ser está diretamente ligada a uma das atividades básicas do ser humano: a leitura”.

Acreditando que é muito mais fácil se aprender enquanto se diverte percebemos na crônica um caráter privilegiado, pois divertindo consegue mostrar, inspirar fazendo, segundo Candido (1996, p.27), “amadurecer a visão do mundo, das coisas”.

A vantagem de levar este gênero para a sala de aula é que sua linguagem dinâmica, sua apresentação e suas características estabelecem a aproximação com o leitor comum, diário (CANDIDO, 1996, p.26). Além de “o cronista fazer seu texto transcender porque há uma troca de intersubjetividades” (SANT’ANNA, 2000, p.201).

Um dos aspectos que deve nortear o trabalho do professor de literatura, refere-se ao fazer da sala de aula um local que promova a leitura literária, em que as formas de abordagem do texto literário como pretexto para exercícios gramaticais sejam abolidas. Isso de fato, só é possível quando se tem não apenas boa vontade, mas tempo, dedicação e principalmente, metodologia.

Acreditando que não é qualquer aula que pode despertar o desejo dos alunos, indicamos a literatura como grande aliada para a atração desses alunos. Como acréscimo, sugerimos ainda a utilização da dramatização desses textos, que interpretados pelos alunos, ou seja, vivenciados, trazem uma nova visão do outro e, conseqüentemente, de si próprios. Nosso objetivo é, portanto, fazer com que os leitores possam vivenciar experiências e situações cotidianas ficcionalizadas pelos cronistas.

1. A CRÔNICA E A SALA DE AULA

1.1- A crônica: gênero literário

Quando se fala em crônica no Brasil pode-se pensar em dois momentos distintos. O primeiro, diz respeito à quando a crônica surgiu despreziosa nas páginas dos jornais, colhendo o que havia de mais efêmeros no cotidiano das cidades embora não

fosse valorizada pelo cânone. O outro, baseado na efervescência do gênero a partir de Rubem Braga e nos escritores de sua posteridade.

De acordo com Simon (2004, p.198), “a crônica foi um dos gêneros mais cultivados do século XX e ironicamente um dos mais desprezados pelos estudos literários do mesmo período”. Esse fato se deu em princípio, pelo suporte em que a crônica era escrita, o jornal. De acordo com Coutinho (1986, p.123), este fato baseava-se na descrença de um gênero que nasceu num suporte descartável.

Ainda segundo Simon (2004, p.198), com o passar do tempo, observando-se a predileção do público e a propagação de grandes nomes, se iniciou uma nova maneira de ver a crônica. Ao invés de se observar o gênero como próprio do jornalismo, passa-se a observá-lo como literatura, instituindo a partir de então, teorias para o seu estudo e sistemas de análises próprias.

Escrever sobre crônicas no Brasil ainda é desafiador, por não existir ainda um número grande de obras sobre o gênero, levando-se em consideração sua juventude em oposição aos demais gêneros. Além disso, ainda existe uma certa resistência da academia quanto ao estudo da crônica, sendo preferencial o estudo do romance, da novela ou mesmo do conto.

O que não se tem levado em consideração é o valor da crônica perante uma sociedade que tem pressa e o gênero, como o próprio nome diz (*chrónos* – tempo), é extremamente adaptável à pressa das grandes cidades. Tal característica foi observada negativamente por Moisés (1978) quando afirma que o gênero longe de seu suporte original não sugere releituras:

A crônica é por natureza uma estrutura limitada, não apenas exteriormente, mas, acima de tudo, interiormente. Ainda quando em livro, a crônica jamais rompe sua vinculação com o jornal: o signo da origem marca-lhe o rosto bifronte qualquer que seja o espaço físico que ocupe. (MOISÉS, 1979, p.108)

Diferentemente de Moisés, acreditarmos no caráter reflexivo da crônica que atravessa os tempos. Para se ler crônicas não é necessário levar em consideração apenas seu contexto histórico, pois nossa experiência e leituras de mundo são bases para a compreensão do texto, independente de quando ele foi publicado. A crônica embora seja escrita para o diário não é descartável como uma notícia e isso é que a distingue do texto meramente jornalístico.

É o próprio Moisés (1978, p. 246) quem afirma que há uma diferença entre escrever para o jornal, que é o caso do jornalista, do editor e do colunista, e publicar no jornal, neste caso o cronista. A distinção se aprofunda mais quando se percebe o cronista não como repórter, mas como poeta ou o ficcionista do cotidiano.

Então, a uma só vez, ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfarelado-se na direção do passado. Arrigucci (1987, p.53)

Quanto às temáticas, são comuns crônicas que tenha como “pano de fundo” os conflitos da cidade, conforme cita Sant’Anna (2000, p.202)

A crônica se insere num espaço ambíguo, pois pertence ao mesmo tempo a série jornalística e a literária. É escrita em jornais e revistas que são consumidos rapidamente e esquecidos. Mas, se for um produto literário, será logo resgatada em livros.

Mais uma vez é ressaltada a importância de a crônica não permanecer num objeto descartável como um jornal, mas pelo seu valor literário ser reeditada em livros.

Fazendo uma distinção entre crônica científica e literária Moema D’Olival (2002, p.20) salienta:

A primeira abrangeria apenas o registro de acontecimentos num tempo e num espaço, mas a literária não, pois se constitui de fatos do dia-a-dia que se transfiguram na medida em que retocam ou transformam a realidade do cotidiano, pela força criadora da fantasia.

Tal assertiva contribui para o nosso posicionamento, quando percebemos a crônica tal qual um conto, um romance ou um poema, pois funciona como reflexiva, poética, crítica ou emotiva. Não sendo inferior a nenhum outro gênero.

O que de fato acontece com a crônica é a sua flexibilidade. Segundo o cronista Paulo Mendes Campos (1999, *apud* D’Olival, 2002, p.19), “um dia ela é conto, outro dia ela é poema, outro, é piada”.

A crônica, mesmo não tendo posição de destaque tem se mantido entre os gêneros literários mais lidos, justamente pela sua despreensão de ser, tão ao rés do chão, como cita o próprio Candido (1996, p.8)), e por isso mesmo merece destaque:

...parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus”, – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.

De fato, o único diferencial entre um poeta, um contista ou um romancista do cronista é o fato de este último ter a obrigação de escrever diariamente, o que não o desmerece enquanto profissional, pelo contrário, o fato de o repórter do cotidiano ter de escrever, inspiradamente, sobre assuntos efêmeros talvez seja mais árduo do que uma produção de outro gênero, pois este trabalha contra o tempo.

Além disso, os assuntos merecedores de uma crônica são simples, que deflagram a vida real e também por isso têm um caráter de denúncia:

A crônica teve uma dupla face, vivendo com a cidade, afirma-se contra a cidade. Celebra e denuncia, isto é, ela assume um caráter inconformista e contestatório. A crônica acompanha, se acumplicia, e exprime os movimentos e os gestos, os sons e as cores, todo o desenlace sobressaltado da cidade que se transforma. (PORTELLA, 2002, p.227)

Segundo Moisés (1978, p.251), “o cronista tece a sua malha de considerações em torno de um acontecimento, não visando a persuadir ou a fazer prosélitos”. Sendo assim, sua função é fazer refletir, “pensar em voz alta uma filosofia de vida apoiada no efêmero cotidiano”

Outra característica da crônica elogiada por Candido é a leveza:

É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça, próprias da crônica, pelo fato de muitas vezes os professores incutirem nos alunos (inclusive sem querer) uma falsa idéia de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas e que conseqüentemente a leveza é superficial. (1996, p. 27)

Acreditando que é muito mais fácil se aprender enquanto se diverte percebemos na crônica um caráter privilegiado, pois divertindo consegue mostrar, inspirar, fazendo, segundo Candido (1996, p.27), “amadurecer a visão do mundo, das coisas”.

A partir da linguagem próxima do coloquial, dos assuntos cotidianos, a crônica é um gênero que agrada, principalmente porque pautada no tempo usa um mínimo de estruturas complexas, pois seu objetivo é alcançar a todos. A esse respeito Preti afirma:

A linguagem nem sempre está condicionada pela cultura do falante ou é dela a sua exata expressão. Um indivíduo pode manifestar sua adesão a um comportamento de puro, não por ignorância da norma padrão, nem por impossibilidades diversas de realizá-las, mas por uma atitude consciente (1984, p.69)

Uma consideração bastante relevante faz Martins (1980, apud MARCHESAN, 1989) quando cita da troca entre texto e leitor que acontece em textos como a crônica que tem uma linguagem tão próxima da conversação:

É uma espécie de conversa, em que um dos interlocutores – o leitor – se mantém em silêncio o tempo todo, mas supõe-se que atenta interessado e, de certa forma, participante. (MARTINS, apud MARCHESAN, 1989, 87)

A crônica por trazer fatos tão próximos do leitor faz com que haja mais facilmente um dialogismo entre ambos, pois o faz refletir sobre assuntos que mexem com seu modo de ver o mundo, levando-o a participar do jogo. É como se pela proximidade com os fatos do dia a dia, o leitor fosse convidado a caminhar pelas ruas da cidade com o narrador.

1.2. A crônica e a Estética da recepção

Por seu caráter humanizador, compreendemos que a crônica pode ser a influenciadora de novos leitores. E evidentemente deve ter um trato diferente dos que com frequência têm sido apresentados nos livros didáticos. O professor deve compreender antes de tudo que o texto literário deve dialogar com o interlocutor, fazendo este se interrogar sobre o porquê se agradou ou não, ou ainda se se identificou ou não com o texto. Assim sendo esse mesmo aluno poderá, sendo impactado com a obra literária, sentir-se motivado a estar na classe.

Procurando refletir sobre uma metodologia de ensino de literatura que fosse centrada no interesse desses alunos, convergimos com o que preconiza Hans Robert Jauss na Estética da Recepção.

Para Jauss (1979), “o valor e a categoria de uma obra literária são deduzidos do efeito produzido, da recepção, da influência exercida e do valor reconhecido pela posteridade. Esses critérios são mais difíceis de ser observados do que as circunstâncias biográficas ou histórias de seu nascimento.”

O efeito, que é determinado pela obra e que conserva ligações com o passado em que ela surgiu, segundo Zilberman (1989), “equivale à reação motivada pelo texto no leitor, pode significar igualmente o impacto causado no sistema estético ou histórico de um dado período”. Desse modo, esse efeito pressupõe o apelo que vem do texto e ao

mesmo tempo, uma receptividade no momento em que o destinatário se apropria desse texto. Ainda segundo Zilberman (1989, p.114), “a recepção refere-se à acolhida alcançada por uma obra à época de seu aparecimento e ao longo da história. Em certo sentido, dá conta de sua vitalidade, verificável por sua capacidade de manter-se em diálogo com o público.”

Nesta perspectiva, o estudo da história da recepção das obras literárias somente se torna possível quando reconhecemos e admitimos que o sentido é construído através de uma dialética intersubjetiva. No momento da sua leitura, a obra provoca um determinado efeito sobre o destinatário; ao longo do tempo passa por um processo histórico, sendo recebida e interpretada de maneiras diferentes, o que deve ser entendido como sua recepção.

Com base em sua experiência estética, Jauss (1979, p.78-81) propõe uma inversão metodológica na abordagem dos fatos artísticos, sugerindo que o foco recaia sobre o leitor e não apenas sobre o autor e produção, visto que, apesar de sempre ter sido uma figura indispensável no processo literário, o leitor raramente é citado como alguém que detém uma função histórica. Nessa perspectiva, o autor considera que a literatura somente se torna processo histórico completo mediante a experiência daqueles que acolhem as obras, desfrutam delas, julgam-nas. E assim sendo, as obras são reconhecidas ou recusadas, acolhidas ou esquecidas.

Para Zilberman (1989, p.113), “uma das tarefas da estética da recepção é a reconstrução do *horizonte de expectativa*¹, “a fim de esclarecer o relacionamento da obra com o público”.

Considerando o efeito e a recepção, uma análise da experiência estética do leitor deve compreender a relação entre este e o texto como um processo que estabelece uma relação entre dois horizontes ou que opera uma fusão entre eles. Neste sentido, a fusão de horizontes, o que implica o texto e o que o leitor traz em sua leitura, pode se operar de maneira espontânea no prazer das experiências acumuladas, na liberação das obrigações e da monotonia cotidiana, ou na adesão ao suplemento de experiência trazido pela obra.

Compreendendo que a leitura é um processo que tem cinco dimensões: neurofisiológica, cognitiva, afetiva, argumentativa e simbólica, conforme vimos em Therien (apud JOUVE, 2002, p.21-22), acreditamos que sua atividade direcionada à

¹ Termo utilizado por R. Holub (apud Zilberman,1989), afirmando ser este “ um sistema de referências ou um esquema mental que um indivíduo hipotético pode trazer a qualquer texto”.

literatura da crônica seja capaz de fazer refletir as práticas sociais e a própria vivência do aluno.

Sob essa ótica, tomamos como base os textos de Fernando Sabino e Luís Fernando Veríssimo, cronistas que vêm, ao longo de suas carreiras, favorecendo temáticas de foco social. Ambos escritores, trazem à tona problemas sociais de forma crítica e bem humorada.

A respeito de Fernando Sabino, Jorge Sá (1987, p.24) cita que “à medida que seus textos divertem, permitem que identifiquemos aspectos de um país que parece perdido. A pessoa pública do político, em quem deveríamos confiar, passa a compor um dos tipos gerados por uma época onde tudo tem valor, menos o próprio valor humano”. Neste sentido podemos compreender a forma apresentada por Sabino em algumas das crônicas que deflagravam o ser à coisa num processo chamado de reificação, quando o homem passa de criação à criatura, objeto.

Sá (1987, p.27) cita ainda que Fernando Sabino abandona o diálogo direto com o leitor, desviando o foco narrativo da primeira para uma falsa terceira pessoa: reassumindo a partir daí, sua máscara ficcional, embora saibamos que quem fala na crônica é sempre o próprio cronista. E com esse distanciamento, Sabino fica mais à vontade para explorar o humor das situações que melhor exemplificam o lado tragicômico da realidade urbana, quase sempre em contraponto ao espaço rural.

Seus textos trazem, por vezes, confrontos entre os dois segmentos da sociedade (a riqueza e a pobreza) que envolve o leitor gradativamente.

Utilizando esse falso narrador em terceira pessoa, Sabino consegue mudar o ângulo de visão do leitor para uma primeira pessoa do plural. É como se o leitor estivesse naquele instante, participando da história e querendo, inevitavelmente, tomar algumas atitudes para mudá-la. A esse respeito, Sá (1987, p.27) afirma que essa cumplicidade entre o narrador e o leitor só é alcançada em textos bem realizados e que possuem a magia inexplicável da arte.

A respeito de Luís Fernando Verissimo, Pirandello (1996, p.132) afirma que o humor, próprio de sua obra, é definido como “uma lógica sutil” e “o sentimento do contrário”. Ainda segundo Pirandello (1996, p.155), uma das marcas desse autor é a ironia, figura que mostra a “contradição entre o que se diz e o que quer que seja entendido”, que se afastam da seriedade provocando o riso, para depois levar o leitor à reflexão.

Segundo Limoeiro (2006, p.11), uma outra característica da obra de Veríssimo tem a ver com os vazios, os implícitos, que pedem um leitor capaz de preencher essas lacunas, a fim de que este se dê conta da verdadeira intenção do que é proferido.

Ainda segundo a autora (2006, p.11) outra característica presente na obra do autor é a transgressão, ou seja, seus textos, por vezes, apresentam situações inusitadas, surpreendentes que, preparam o leitor para uma compreensão, levando-o para um caminho confiante, mas que repentinamente é alterado, originando um redimensionamento de crenças em relação às expectativas geradas.

2. TEATRO EM SALA DE AULA: O JOGO DRAMÁTICO

Compreendendo que desde a infância o ser humano está apto para representar, já que desde primeiros passos sua evolução está centrada na imitação, compreendemos que o ato de dramatizar é praticamente nato. Segundo Leslie Marko:

A teatralidade nasce com o ser humano, aliada à sua capacidade de simbolização e de jogo a ser desenvolvida mais tarde, na fase da abstração. Basta lembrar que nos jogos infantis existe a dimensão lúdica, por natureza, do faz de conta. A dramatização é então inerente a nós humanos, a partir da infância, na tentativa permanente de traduzirmos os mundos internos e externos e suas interfaces. Na realidade podemos considerar, como resultado de um processo consciente, a dramatização como uma ponte que permite uma ligação significativa entre dentro e fora, fantasia e realidade, objetividade e subjetividade. O processo de aprendizagem está implicado nesse mesmo movimento. A criatividade instala-se em instâncias em que a liberdade empresta suas asas para evitar procedimentos mecanicistas, impositivos, rígidos ou conservadores que inibam qualquer processo de apropriação e autoria. (MARKO, 2012, p. 38)

Sendo assim, se utilizar da dramatização como ferramenta de trabalho no ambiente escolar é extremamente relevante, porque além de incentivar os alunos às artes, ainda acrescenta-lhe como pessoa, já que pelo convívio, aprende-se o respeito pelo outro, estabelecendo-se limites. Neste sentido, podemos dizer que teatro na sala de aula cumpre também um papel social como prática de cidadania e participação.

Segundo Richard Courtney (2003, p.56, 57), o teatro é a base de toda educação criativa, pois dele fluem todas as artes e diz que a imaginação dramática está por trás de toda a aprendizagem humana, tanto do aprendizado social quanto do “acadêmico”:

É o modo pelo qual o homem se relaciona com a vida, a criança dramaticamente em seu jogo exterior, e o adulto internamente em sua imaginação. É isto que intenciona Freud quando diz que o jogo dramático permite à criança “dominar” seu meio, e o que pretende Burton quando afirma que o teatro é um experimento com a vida, aqui e agora. A Educação Dramática é o modo de encarar a educação como um todo. É o caminho pelo qual o processo de vida se desenvolve e, sem ela, o homem é apenas um mero primata superior.

Acrescente-se ainda a isso que, o trabalho com recursos teatrais favorece o processo de desenvolvimento de expressão, comunicação e tradução da realidade de uma maneira poética e estética. Além disso, traz:

- Estímulo à integração, através de recursos teatrais, das dimensões do corpo, sentimentos e pensamento;
- Estimulo à improvisação e prontidão como exercício de adaptação e agilidade diante de situações novas e inesperadas.
- Estímulo ao desenvolvimento da imaginação e criatividade como elementos essenciais que favorecem a expressão e comunicação.
- Experiência de construção de personagens como maneira de pesquisar perfis diferentes - reconhecer e identificar os “outros”, identificar em nós mesmos as diversas possibilidades expressivas, pesquisa do repertório pessoal - memória, perfil, recordações, bagagens próprias e as que podemos construir em grupo.
- Promover também, através da teatralização, situações de reflexão coletiva encima de questões comuns do cotidiano que fazem parte da nossa concepção do mundo. (MARKO, 2012, 37)

Observando essas propriedades, só podemos afirmar que há relevância de se trabalhar o texto teatral na sala de aula, acrescido ao que já fazemos constantemente, que é a leitura do texto literário.

3- A CRÔNICA NA SALA DE AULA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os sujeitos informantes dessa pesquisa foram os alunos do 9º Ano “A” e “B” da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Pedro dos Santos, localizada no Município de São Sebastião de Lagoa de Roça. Turmas nas quais lecionamos a disciplina de Língua Portuguesa.

Os motivos que nos levaram a optar pela própria sala de aula foi considerando primeiramente, que nossa prática necessita de variadas metodologias como forma de

atrair o nosso aluno à busca de mais conhecimento, sobretudo no que se refere à leitura do texto literário. Para tanto, selecionamos sete crônicas, as quais: “Negócio de Ocasão²”, “A Última crônica³” e “O homem nu⁴”, de Fernando Sabino e “O estranho procedimento de Dona Dolores⁵”, “Povo⁶”, “Pneu Furado⁷” e “Aliança⁸” de Luís Fernando Veríssimo.

Quanto ao trabalho com o texto literário, fizemos a apresentação das crônicas observando-se a sequência didática apresentada por Pinheiro⁹ (1995), nas indicações a respeito de leitura de textos literários:

- Leitura silenciosa do texto pelos alunos para um reconhecimento da história;
- Leitura oral e individual do texto pelos alunos;
- Leitura oral pela professora;
- Discussão dos textos a partir de questionamentos sobre a recepção¹⁰ dos alunos.
- Divisão da sala em equipes de quatro ou cinco componentes para a organização, discussão e adaptação da crônica para o texto dramático;
- Apresentação das crônicas.

Sob esse enfoque, tomamos como base a apresentação do gênero crônica em classe, não apenas com o propósito de leitura e análise da mesma, mas num sentido ainda mais amplo, sua encenação em classe.

Depois da leitura por equipes, os alunos socializaram a crônica para a turma, analisando o contexto de produção, as situações vivenciadas e a proximidades dos textos com o cotidiano.

Em outra aula, os alunos se reuniram mais uma vez, quando tiveram a oportunidade de, se utilizando da estrutura do texto dramático, fazer adaptações das crônicas, preparando cenários e figurinos.

² SABINO, Fernando. Para Gostar de Ler Volume III. São Paulo: Ática, 1996.

³ _____ In: A Companheira de Viagem", Editora do Autor - Rio de Janeiro, 1965.

⁴ _____ In: Para Gostar de Ler Volume III. São Paulo: Ática, 1996.

⁵ VERÍSSIMO, Luís Fernando. O Nariz e outras crônicas. São Paulo: Ática, 2004.

⁶ _____ In: A mãe do Freud. Porto Alegre: LP&M 1985,

⁷ _____ In: Pai não entende nada. L&PM, 1999

⁸ _____ In: As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

⁹ Apesar de as indicações de Hélder Pinheiro, extraídas do livro *Poesia em Sala de Aula*, serem sugeridas para a leitura do texto poético lírico, as tomamos aqui como fundamentais para qualquer atividade de leitura e para qualquer gênero. Cf: PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. João Pessoa: Ideia, 2005, pp 31/32.

¹⁰ Estes últimos passos foram acrescentados por mim, não consta no artigo apresentado por Hélder Pinheiro supracitado.

Deixamos livre a escolha de apresentação das crônicas: se seriam encenadas em classe ou, antecipadamente, os alunos filmariam e levariam para a sala a crônica pronta. Isso facilitou bastante para alunos mais tímidos, já que alguns disseram ter vergonha de se apresentar em público.

Das dez equipes apresentadas, quatro delas preferiram fazer a gravação. Escolheram cenário, se caracterizaram e adaptaram algumas falas, com a introdução de um narrador, por exemplo. As outras equipes encenaram na própria sala de aula, o que foi bastante divertido e ao mesmo tempo emocionante.

O que pudemos verificar nas apresentações foi muita criatividade. Os alunos que apresentaram a crônica “Negócio de Ocasão”, por exemplo, superaram nosso horizonte de expectativa. No texto original, um vizinho de cima de um prédio faz uma reforma interminável e o vizinho de baixo sente-se incomodado a ponto de ir reclamar por diversas vezes. Cansado de não ser respeitado ele vai mais uma vez reclamar, mas dessa vez leva um revolver para ameaçar o barulhento, no entanto, ao invés de sentir-se ameaçado, este consegue convencer o outro de lhe vender a arma. Depois disso, já estando em posse da arma, o incomodado é que recebe ameaças. Na crônica adaptada, os alunos utilizaram uma casa conjugada para fazer a dramatização, e como estavam retratando nosso estado, a Paraíba, utilizaram ao invés do revólver, uma peixeira para fazer as ameaças. O que tornou a apresentação bem mais engraçada.

Dois grupos apresentaram “A Última Crônica” e como um deles era composto apenas por meninas, tiveram de usar a criatividade para serem transformadas em personagens masculinos. Na apresentação de “O Homem nu” a equipe filmou a cena e foi interessante ver como conseguiram manter a graça do texto, mesmo em se tratando de uma casa, ao invés de um apartamento, como no texto original.

A encenação da crônica “Pneu Furado” foi bastante interessante, os grupos produziram cenários para que a narrativa ganhasse vida. Já quanto a crônica “A Aliança”, nos surpreendeu a desenvoltura de um dos grupos que manteve todas as falas originais do texto. Além disso, os grupos que apresentaram “O Estranho Procedimento de Dona Dolores” e “Povo” foram bastante realistas na entonação dos diálogos.

De um modo geral, as apresentações foram excelentes, os alunos, após as apresentações puderam discutir com a turma sobre a experiência e a maioria disse que

gostou de tê-la realizado. Alguns dias depois, fizemos um questionamento¹¹ sobre qual a opinião deles quanto às apresentações:

- Você gostou de representar a crônica?
 - “Sim, porque era uma coisa nova que eu estava fazendo, fazer a peça teatral já com a crônica feita”
 - “Sim, porque você vivencia mais a história e pode estar junto com seus colegas rindo e também produzindo”
 - “Sim e muito, porque foi uma experiência nova para mim, vivenciar um personagem diferente de mim”
 - “Sim, porque é uma das crônicas que eu mais gosto, por ser um assunto que acontece muito”
 - “Gostei, porque como sou muito tímida, foi uma maneira de me soltar um pouco e eu pude trabalhar com quem eu não tinha muita intimidade também”
 - “Sim. Foi uma coisa bem diferente e foi melhor, porque mudou um pouco a rotina de trabalhos. A gente não tinha feito nada igual”

De acordo com as respostas pudemos verificar que o trabalho realmente foi relevante, pois os alunos se sentiram confiantes, além de se divertirem com a elaboração e apresentação das peças. Além disso, a dramatização do texto literário aumentou nos alunos o senso de responsabilidade e o sucesso do trabalho se dá devido à soma dos esforços de todo o conjunto.

De acordo com Reverbel (1997, p. 168) “é preciso lutar para que o Teatro tenha seu lugar na Educação, porque se ele existe na sociedade, deve existir na escola”. O Teatro é o caminho para as escolas atingirem uma integração entre os sujeitos de forma criativa, produtiva e participativa, é um recurso pedagógico eficaz no desenvolvimento do educando, preparando-o para discernir os problemas em que ele irá enfrentar na sua trajetória de vida.

¹¹ Não tivemos a intenção de fazer um questionamento formal, por isso não achamos necessário nomear os alunos, nem tampouco utilizar dados percentuais. Nossa intenção era meramente mostrar a viabilidade de um trabalho como esse em sala de aula.

CONCLUSÃO

Consideramos válida nossa experiência com o texto literário, por dois motivos: primeiro, porque propiciou ao nosso aluno/leitor o contato com uma obra a qual tinham intimidade, a crônica, tão presente nos livros didáticos e, principalmente, em nossa prática de sala de aula; segundo, pelas técnicas motivacionais de leitura que foram relevantes para a participação dos alunos.

Outro ponto bastante relevante foi o fato de os alunos, a partir da experiência estética, produzirem outros textos e não apenas reproduzirem o gênero como comumente exigido pelos manuais.

Utilizando o teatro aliado à educação, pudemos oportunizar aos alunos um conhecimento diversificado e lúdico, existindo um clima de liberdade onde puderam liberar as suas potencialidades, expressando seus sentimentos, emoções, aflições e sensações. Quando o educando interpreta um personagem ou dramatiza uma situação, revela uma parte de si mesmo, mostrando como sente, pensa e vê o mundo. É uma atividade artística que permite ao aluno expressar-se, explorando todas as formas de comunicação humana. O Teatro amplia o horizonte dos alunos, melhora sua autoimagem e colabora para torná-los mais críticos e abertos ao mundo em que vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI, David. Fragmentos sobre a crônica In: *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

CÂNDIDO, Antônio. A Literatura e a formação do homem. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, vol.24, 1972.

_____ *A Vida ao rés do chão*. São Paulo: CIA das Letras, 1996.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986

COURTNEY, Richard. *Jogo, Teatro e Pensamento*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

D'OLIVAL, Moema . *O espaço da crítica II*. Instituto Goiano do Livro: GO, 2002.

JOUBE, Vincent. *A Leitura*. São Paulo: UNESP, 2002

LIMOEIRO, Rosiney Fernandes. *A crônica e conto de Luís Fernando Veríssimo na formação do leitor*. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/837-4.pdf>. Acesso em 18jun 2014.

MAGNANI, Maria do Rosário. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. São Paulo, Martins Fontes, 2001

MARCHEZAN, Renata Maria Facuri. *A Gramática fugaz: articulações de sentido na crônica brasileira contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: UEP, 1989

MARKO, Leslie. *Dramaturgia cênica na empresa: do trabalhador anônimo ao ser visível*. São Paulo. Dissertação de Mestrado. ECA-USP, 2009.

MOISÉS, Massaud. *A Criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1978

PINHEIRO, Hélder. *A poesia na sala de aula*. João Pessoa: Idéia, 2005.

PIRANDELLO, Luigi. *O Humorismo*. Trad. de Dion Davi Macedo. São Paulo: Experimento, 1987.

PORTELLA, Eduardo. *O discurso da cidade*. In: *Leituras plurais*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2002.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala, um estudo sociológico do diálogo na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1984

REVERBEL, Olga Garcia. *Um Caminho do Teatro na Escola*. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1987.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *A sedução da Palavra*. Letra Viva - Brasília, 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985

SIMON, Luiz Carlos Santos. *Recuperando o amor com as crônicas de Rubem Braga*. Gragoatá nº 17, Niterói, 2004